

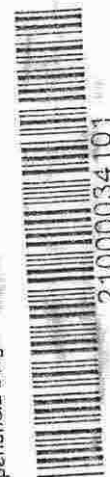
PETER GAY

A EXPERIÊNCIA BURGUESA  
DA RAINHA VITÓRIA A FREUD

A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

Tradução:  
PER SALTER

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL  
Experiencia burguesa da rainha victoria a freud



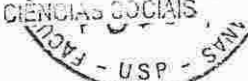
1.<sup>a</sup> reimpressão

Tombo: 06109



SED-FFLCH-USP

BIBLIOTECA DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS SOCIAIS





Heinrich  
Heimerich

## ARQUITETOS E MÁRTIRES DAS MUDANÇAS

### I. A INFLUÊNCIA DO NOVO

As incertezas que assolavam os burgueses do século XIX, e que eles legaram aos historiadores, não se restringiam às questões angustiantes relativas às suas obrigações para com seus inferiores ou à sua reputação entre poetas e pintores. Mais do que qualquer século anterior, essa foi uma época de esperança sem precedentes e de ansiedades desconhecidas. Nos termos de Gladstone, "uma era de agitações e de expectativas".<sup>1</sup> Para os pobres, obviamente, trazia mais agitações do que expectativas; camponeses e operários, soldados e marinheiros eram testemunhas de que a crueldade e a indiferença não haviam desaparecido do mundo. Milhares de pessoas continuavam a viver em condições de miséria e imundície extremas nos países mais adiantados do Ocidente. Os contemporâneos discerniam bem o que se passava; demonstram-no bem os horripilantes *Desastres de la Guerra* de Goya, os aterradores relatos que Florence Nightingale enviava da linha de frente na Criméia, os fiéis documentos oficiais sobre as condições das classes trabalhadoras, ou um passeio através desse horror opressivo e caracteristicamente moderno que são os bairros miseráveis das cidades industriais.

É claro que de modo geral a experiência burguesa foi muitíssimo mais gratificante, pelo menos na superfície. Não é por mero acaso que foram justamente os bons burgueses, beneficiários evidentes da expansão econômica e das turbulências políticas ocorridas ao início do século XIX, que exerceram as maiores pressões no sentido de mais expansão e mais turbulência. A linguagem utilizada pelo príncipe Metternich, aflito guardião das tradições européias, na famosa avaliação secreta da sua época, que submeteu em dezembro de 1820 ao czar Alexandre I, demonstra sobejamente que energias se entrecrocavam no âmbito da burguesia: queixava-se de que "classes agitadas" subvertiam a ordem pública em todo o continente. O rápido "progresso da mente humana", não tendo sido acompanhado pelo progresso igualmente rápido da "sabedoria", havia levado a juízos particulares, e, segundo pensava ele, era "principalmente a classe média da sociedade que havia sido afetada por essa gangrena". Observava ademais que os subversivos eram liderados por burgueses ativos, tais como "funcionários públicos, literatos, advogados e homens encarregados da educação pública", todos eles infelizmente subjugados pela "presunção".<sup>2</sup> Durante todo o século burguês, esta "presunção" tornou-se um instrumento potente para manter as classes médias em movimento. Somente os inovadores teriam feito uso de outro termo, menos ofensivo: autoconfiança. Por meios de que seus ancestrais não teriam tido sequer

a capacidade de cogitar, esses homens, suficientemente instruídos ou bem situados para poderem participar dos enormes benefícios do capitalismo, conseguiram passar da passividade à ação, estabelecendo, e efetivamente exercendo, o domínio sobre seu mundo; e esses meios se mostraram altamente gratificantes. "Ninguém que tenha prestado atenção às características peculiares da época atual", disse o príncipe Albert —, discursando no banquete oferecido ao prefeito de Londres em 1850, "duvidará por um instante de que vivemos um período de transições maravilhosas, que tende célere à realização do grande fim para o qual, de fato, toda a história aponta — a unificação da humanidade". Com a vista voltada para a Grande Exposição que então se preparava, declarou que "os conhecimentos adquiridos se tornam imediatamente de domínio público", de sorte que "o homem se aproxima do completo cumprimento da grandiosa e sagrada missão que lhe foi atribuída neste mundo".<sup>3</sup> O tom do príncipe consorte é um tanto complacente, talvez exageradamente entusiástico em sua radiante simplicidade. Sua mensagem não era contudo novidade para os que o ouviam: tratava-se de um chavão conhecido, um ponto de vista representativo do tema que predominava na época. E. B. Tylor, o evolucionista cultural que abriu muitas sendas novas, assim o expressou em 1867: "A história da humanidade" é "a história de um desenvolvimento ascendente".<sup>4</sup> Feiras internacionais, tais como a Grande Exposição londrina de 1851, a matriz de todas as seguintes, eram ao mesmo tempo documentos e instrumentos do progresso.<sup>5</sup>

O progresso não era apenas um mito para as pessoas respeitáveis. Políticos radicais, fossem eles de inclinação "utópica" ou "científica", divisavam claramente o fim da escassez, que havia sido a origem da mais acirrada luta social no passado. Como escreveu Heinrich Heine, animado pela desenvoltura persuasiva de Saint-Simon, em meados da década de 1830: "Medimos as terras, pesamos as forças da natureza, avaliamos os recursos da indústria; isso tudo fizemos, e eis o que descobrimos: que esta terra pode alimentar-nos a todos decentemente, se todos trabalharmos e não desejarmos viver às custas dos outros".<sup>6</sup> Se havia o bastante para todos, o futuro não podia deixar de sorrir, e todas as perspectivas estavam implícitas no presente. Para muita gente, as mudanças não constituíam uma ameaça, e sim uma promessa.

Parece-me desnecessário demonstrar que mudanças são a lei da vida, e que a maioria das épocas são épocas de transição. O que ocorreu no século XIX, porém, é que a própria natureza das mudanças se modificou; elas tornaram-se muito mais rápidas e irresistíveis do que haviam sido no passado. Foram também acentuadamente irregulares: avanços nas ciências naturais não geravam automaticamente aperfeiçoamentos nos tratamentos médicos; o levantamento de informações sociais não se refletia rapidamente em reformas sociais. E tradicionais arranjos sociais, tais como a vida familiar, foram conturbados pelo choque entre as novas necessidades e os antigos hábitos. As mudanças no século XIX foram pois mais frequentemente perturbadoras do que estimulantes.

Precisamos frisar que a era vitoriana foi extremamente sensível a suas experiências supremas: os historiadores, que de modo geral haviam sido os poetas das mudanças, tornaram-se os cientistas que as estudavam. E, mesmo aqueles que lamentavam o pessimismo de Carlyle concordavam amplamente com sua afirmação, proferida em 1829: "É indubitável para quem quer que seja que grandes mudanças exteriores estão se processando. A época está doente e desconjugada". Por isso, testemunhas inteligentes do século o chamavam de "tempo de transição", sem se darem conta de que estavam emitindo um chavão, e convicções de estarem constatando uma verdade de peso na medida em que distinguiram sua era das precedentes. John Stuart Mill falava de sua época, em 1831, como de "uma era de mudanças"; e, mais adiante, como de "uma era de transições". Três décadas depois, em 1860, Émile Zola informava a um amigo íntimo que "nosso século é um século de transições".<sup>8</sup>

Ao se aproximar o fim do século XIX, a psicanálise, apesar de sua reputação em contrário e apesar de comprometida com o postulado de uma natureza humana fundamental-

mente imutável, demonstrou ser também acessível às percepções e à análise de mudanças. O complexo de Édipo, conforme Sigmund Freud constatou no processo de sua formulação, tinha uma história própria, e esta história era uma história social. Comparando o *Oedipus Rex* [Édipo Rei] de Sófocles e o *Hamlet* de Shakespeare, Freud chamou a atenção para o "tratamento diverso dado ao mesmo material" nas duas tragédias, o que sublinhava "a enorme diferença de mentalidade dessas duas épocas tão espaçadas entre si", uma diferença por ele interpretada como sendo "o avanço, através dos séculos, da repressão na vida emocional da humanidade".<sup>9</sup> Com este reconhecimento das mudanças, a psicanálise, que de tantas outras maneiras era subversiva, neste particular se mostrava de acordo com sua época.

Anteriormente, nos séculos XVII e XVIII, os modos tradicionais de pensamento haviam sido esticados e torcidos para acomodar idéias inovadoras aos padrões herdados — o que, embora com alguma dificuldade, foi feito. Ainda no século XVIII alguém podia ser simultaneamente um cientista solidamente embasado e um bom cristão, e, se bem que ainda fosse possível manter esta dupla fidelidade no século XIX, tornou-se cada vez mais difícil sustentá-la. Pois nesse ínterim a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, acompanhadas e seguídas de turbulências igualmente profundas nas ciências humanas, abalaram a maior parte das estruturas de crença e de autoridade, chegando mesmo a demolir algumas delas para sempre.

Essas grandes turbulências constituíam uma presença constante nas mentes do século XIX, gerando sonhos plenos de esperança ou verdadeiros pesadelos, o que levava os otimistas a predizer o triunfo da ciência, a liberação feminina ou a renovação da cultura, enquanto os pessimistas eram levados a prever a ruína das religiões, a subversão da vida familiar ou a corrupção da ordem. Por séculos a fio, as inovações haviam sido temidas, fornecendo um referencial para sanções violentas; no século XIX, este referencial foi institucionalizado. À época da Reforma, católicos romanos irritavam os rebeldes protestantes com a zombaria retórica: "Onde estava a vossa Igreja antes de Lutero?" Mais adiante, no século XVI, os puritanos ingleses se viram numa postura defensiva por buscarem "inovações no Estado", e um século depois Cotton Mather vociferava contra os fundadores da nova igreja de Brattle Street, em Boston, denunciando-os como agentes de "Satanás iniciando um terrível terremoto" e como "inovadores" pecaminosos que promoviam um "Dia de Tentações" entre os fiéis de Massachusetts. Foi só depois que os homens do Iluminismo, com Locke na vanguarda, começaram a questionar que direitos o antigo possuía sobre as pressões do novo que a inovação se tornou, pouco a pouco, uma idéia aceitável.<sup>10</sup> A era dos pais cedia à era dos filhos, já se podia cogitar em mudanças, e este pensamento se tornou comum.

De fato, o "movimento", na sua acepção mais comum, foi espetacular no século XIX. Os migrantes cruzavam fronteiras, e frequentemente atravessavam os oceanos. Na década de 1820, os Estados Unidos receberam 150 mil imigrantes; na de 1840, este número aumentou dramaticamente para 1,5 milhão. E, na década de 1880, a América absorveu o total impressionante — e para muita gente aterrorizante — de mais de 5,2 milhões de pessoas.\* E os Estados Unidos não foram o único país a receber migrantes: a América do Sul, as províncias orientais da Rússia, a África do Sul e a Australásia se transformaram devido à enxurrada de recém-chegados. Estima-se que do início da década de 1820 até o início da década de 1920, quando severas restrições reduziram a corrente migratória para os Estados Unidos e para a maioria dos outros países a um mero filete, algo em torno de 62 milhões de pessoas deixaram a Europa em busca de outros lugares onde se fixar. Se bem que esta imensa *Völkerwanderung*\*\* fosse constituída sobretudo por camponeses, artesãos e operários, muitos burgueses também

partiram em busca de uma vida melhor. Comerciantes falidos, políticos dissidentes, judeus de classe média vítimas da intolerância, toda essa gente fugia do Velho para o Novo Mundo. E a vida econômica e social das sociedades burguesas foi afetada pela chegada dos imigrantes, nem sempre de modo agradável para os anfitriões. A migração era uma aventura, um caminho para a liberdade, para a solvência econômica ou para a segurança pessoal, porém era ao mesmo tempo, principalmente para os próprios migrantes, um trauma que frequentemente tinha efeitos permanentes.

O mesmo pode ser dito sobre um segundo e não menos drástico tipo de migração: a migração do campo para a fábrica, a oficina ou o escritório. Esse deslocamento, sazonal ou (como era mais frequente) permanente, aumentava a tendência natural de crescimento dos gigantes centros metropolitanos do século XIX. Nas palavras do falecido Richard Hofstadter, em sua *Age of Reform* [Era das reformas], "os Estados Unidos nasceram no campo e se deslocaram para a cidade".<sup>11</sup> A Europa inteira passou por idêntica transformação. Conforme observou Maxime du Camp, o historiador da Paris moderna e amigo de Flaubert, em fins do século XIX: "A Inglaterra vai para a Índia, a Alemanha para a América, e a França para Paris".<sup>12</sup> Bem poderia ter acrescentado que a Inglaterra também ia para Londres e a Alemanha para Berlim. Enquanto em 1800 apenas 21 por cento da população da Inglaterra e de Gales viviam em cidades de 10 mil habitantes ou mais, em 1850 essa proporção se aproximava dos 40 por cento, e em 1890 excedia os 61 por cento. Outros países, que maninham com maior tenacidade suas raízes no campo, ainda assim apresentaram incrementos só um pouco menos dramáticos: na Bélgica a proporção passou de 13 a 35 por cento entre 1800 e 1890; nos Estados Unidos, no mesmo período, de menos de 4 por cento para mais de 27 por cento. As velozes metrópoles constituíam os alvos mais evidentes dessa mobilidade. Em 1800, Paris, que já então era o centro absoluto da vida francesa, contava menos de 600 mil habitantes; em 1850 ultrapassara a casa de um milhão, e em 1900 abrigava bem mais do que 2,5 milhões. Berlim saltou de 120 mil habitantes em 1850, quando era apenas a capital da Prússia, para 2 milhões de habitantes em 1900, quando já era a capital da Alemanha imperial. No intervalo da vida de uma pessoa estas cidades mudaram a ponto de se tornarem irreconhecíveis.

Tal fuga dos campos, que desde tempos imemoriais haviam sido o lar de praticamente toda a humanidade, não tinha como único objetivo a meia dúzia de capitais. Centros industriais e comerciais como Manchester e Birmingham, que meio século antes haviam sido meros vilarejos, tornaram-se, em poucas décadas, extensos, prósperos, miseráveis e agitados aglomerados urbanos. Alguns desse vilarejos foram virtualmente pisoteados até desaparecerem no solo: em 1801, Middlesbrough tinha 581 habitantes, e Crewe, 121; noventa anos mais tarde, ostentavam respectivamente populações de 76 135 e de 28 761 habitantes.<sup>13</sup> Mais do que o crescimento das cidades em números absolutos, era o ritmo acelerado da urbanização que os homens da época achavam tão impressionante e alguns observadores preocupados tão detestável. Na Alemanha, o número das *Grossstädte*,\* definidas como cidades com mais do que 100 mil habitantes, simplesmente sextuplicou entre 1871 e 1910, passando de oito para 48. E o que as cidades alemãs ganhavam, os campos alemães perdiam. Em 1882, mais de 42 por cento dos alemães ainda viviam no campo, enquanto cerca de 35 por cento trabalhavam na indústria, na construção e na mineração; em apenas treze anos a população urbana empregada ultrapassou a população rural, e em 1907 o setor agrícola estava reduzido a 28 por cento, ao passo que o setor industrial compreendia cerca de 43 por cento da população. Na França as cidades também funcionavam como ímãs. A cada ano mais de 100 mil franceses abandonavam o campo para buscar trabalho nas cidades: só entre os anos de 1875 e 1881, esse número subiu para cerca de 840 mil.

(\*) Principalmente gente humilde, expulsa do Leste europeu pelos "decretos de maio" do czar, que tornaram sua sobrevivência impossível lá. (N.T.)

(\*\*) Em alemão no original. O termo designa especificamente as "Grandes Migrações" ocorridas a partir do século II, sobretudo com referência às invasões dos hunos, e depois de povos germânicos e eslavos. (N.T.)

(\*) Em alemão no original. Literalmente, "cidade grande", ou seja "metrópole". (N.T.)



Em 1891, mesmo a França, o país dos sítios e dos vilarejos, tinha apenas 45 por cento de sua população trabalhando na terra.

Todas estas cifras são grosseiras, em vários sentidos. A experiência do século XIX exige distinções mais refinadas do que estatísticas nuas e cruas. Foi a era do subúrbio, do *faubourg*, do *Vorort*, cuja composição pendia cada vez mais para a classe operária à medida que o século avançava, embora continuasse a abrigar as classes médias. Cada subúrbio, fosse vizinho a Berlim, a Roma ou a Nova York, tinha sua própria história, e suas origens remontam frequentemente aos primórdios dos tempos modernos. Foi no entanto o século XIX, especialmente depois do surgimento das ferrovias, que mais profunda e continuamente estimulou esses refúgios contra o ruído e as multidões das cidades modernas, gerando o desenvolvimento dessas pequenas e despretensiosas (e às vezes pretensiosas) propriedades.

Este surpreendente desabrochar de aglomerações de classe média deu margem a alguma inveja e boa dose de zombarias. Ninguém era um alvo mais fácil para sátiras do que o habitante dos subúrbios: o modo com que se via sua vida, seu gosto e suas aspirações era distorcido e produzia uma torrente de críticas satíricas. O pequeno clássico de George e Weedon Grossmith, *The Diary of a Nobody* [Diário de um ninguém], publicado em 1892 e constantemente reimpresso, que retrata a vida suburbana quase afetuosamente, e com menos condescendente de tais pasquins. Entretanto, apesar de constituírem um objeto de desdém, os subúrbios se mostraram invencíveis em toda parte. H. J. Dyos, o historiador de Camberwell, subúrbio localizado ao sul de Londres, de certa feita observou argutamente que os comentaristas utilizavam uma linguagem militar quando se referiam a esse desenvolvimento estonteante: "Os exércitos de Alexandre eram grandes produtores de conquistas", escreveu Wilkie Collins em 1861, quando mais acentuadamente se acelerava o ritmo da suburbanização, "e os exércitos de Napoleão eram grandes produtores de conquistas, porém os modernos regimentos guerrilheiros, armados de baldes, colheres de pedreiro e fornos de cozer tijolos, são os maiores conquistadores de todos, pois são eles que mais longamente mantêm as terras ocupadas", inclusive apondo nelas "as insígnias do conquistador: *Terreno arrendado para fins de construção*". Camberwell, pouco mais que uma cidadezinha esparsamente habitada ao início do século XIX, cresceu de 39.868 habitantes em 1841 para atingir 259.339 em 1901 — um crescimento atordoante que septuplicou a população em apenas sessenta anos.<sup>14</sup> E, se bem que uma parcela cada vez maior desses quase 260 mil habitantes compreendesse trabalhadores respeitáveis que viajavam diariamente para Londres em trens rápidos e baratos, e a despeito de Camberwell haver criado sua própria favela, o elemento constituído pelas classes médias manteve lá a sua base. As fantasias que os londrinos de classe média realizavam em Camberwell, os berlinenses de classe média realizavam em Wilmersdorf. À medida que as fábricas e os conjuntos habitacionais operários faziam inchar um subúrbio após o outro — Argenteuil nos arredores de Paris, La Guillotière próximo a Lyon —, porém, alguns desses sonhos burgueses se transformavam em pesadelos. Neste caso, como em tantos outros, a experiência burguesa foi marcada pela ambivalência.

Os subúrbios, criaturas e criadores das mudanças, se agigantavam não só como defesas contra a ansiedade, mas também como meios de realizar anseios. E as próprias cidades forneciam material suficiente tanto para a gratificação quanto para a inquietação. Com a multiplicação das fábricas, a invasão das estradas de ferro e estações ferroviárias, a expansão de edifícios da administração pública, a ascensão e queda de bairros considerados "nobres", o século XIX produzia um caleidoscópio de mudanças habitacionais no interior das próprias cidades. As cifras que relatam essas mudanças apenas as resumem, sem contudo considerar as intensas experiências que cada uma dessas migrações provocava. As implicações dessas experiências, exploradas tanto em obras de ficção como nas de crítica social, não eram totalmente compreendidas à época, mas diziam respeito às preocupações fundamentais da existência humana: moralidade sexual, disciplina no trabalho, coesão familiar, percepção do tempo, do espaço e das oportunidades oferecidas pela vida.

A influência das mudanças foi expressa adequadamente pelo emprego encantatório do termo "novo". Jacob Burckhardt, o eminente historiador e por princípio um conservador, detectou bem cedo este costume. "Todo mundo quer ser novo", escreveu em 1843, "mas nada além disso". Tal desejo poderia ser popular, mas não exigia, na opinião de Burckhardt, nenhum esforço mental: "Nada mais fácil do que ser um liberal", escreveu ele em 1841.<sup>15</sup> Mais de meio século depois, Holbrook Jackson descreveu a década de 1890 como uma época caracterizada por livros que levavam títulos como *The New Hedonism* [O novo hedonismo] e *The New Fiction* [A nova ficção], assim como por movimentos que se denominavam Novo Paganismo, Nova Volúpia e (numa reação evidente a estes) Novo Remorso, além de outros como o Novo Espírito, o Novo Humor, o Novo Realismo ou o Novo Teatro, isso para não falar do Novo Sindicalismo e da Nova Mulher.<sup>16</sup> Com efeito, pouco depois de 1890 o crítico e ensaísta austríaco Hermann Bahr observou o surgimento repetido de "jovens" escolas de arte e literatura, até mesmo das "mais jovens" escolas. "A cada dia", escreveu ele, "aparece uma nova estética do futuro. Cada pessoa oferece ao mundo sua fórmula particular de novidade". E sem a mínima dúvida: "As antigas fórmulas já prestaram seus serviços e agora reina uma sede irresistível do novo".<sup>17</sup> Samuel Johnson já deploara, em 1783, a "fúria das inovações" amplamente difundidas, não obstante seu tempo ter sido plácido, e tranqüilo se comparado aos que sobreviriam vertiginosamente um século mais tarde. É indubitável que na década de 1880 um observador social perspicaz como Émile Durkheim tinha toda a certeza de estar vivendo uma nova época, uma nova era.

Anteriormente, Walter Bagehot já havia resumido, de modo impressionante, esta convicção, no parágrafo de abertura de sua obra *Physics and Politics* [Física e política]: "Uma peculiaridade dessa nossa era é a súbita aquisição de grandes conhecimentos em física. Hoje dificilmente uma área das ciências será idêntica, ou quase idêntica, ao que era cinquenta anos atrás. Um novo mundo de inventos — de telégrafos e de ferrovias — surgiu à nossa volta, e não temos como evitar percebê-lo; espalha-se pelos ares um novo mundo de idéias que nos afeta, apesar de não podermos vê-lo".<sup>18</sup> E poder-se-ia argumentar que o novo mundo de idéias, ainda que invisível, estava transformando a sociedade do século XIX de maneira pelo menos tão irreversível quanto as invenções perceptíveis, como as ferrovias, os telégrafos, ou a rede bancária internacional. Não resta dúvida de que o ritmo das mudanças já vinha se mantendo em um nível desgastante havia algumas décadas quando Bagehot publicou sua avaliação da época em que vivia. Ainda assim, esse ritmo foi-se acelerando à medida que a era de Vitória se movia em direção à era de Freud. Relembrando a agitação frenética que animava a vida de sua cidade, Munique, ao início da última década do século XIX, o historiador de arte Hermann Uhde-Bernays lançou mão novamente do já conhecido encantamento: "Lutava-se por uma nova arte, por um novo teatro, por uma nova ópera, por novos concertos dados em novas salas recentemente construídas, pelo rejuvenescimento das instituições educacionais, enfim, por uma vida nova e refrescante em meio a uma atmosfera ressequida e mofada".<sup>19</sup> Em 1912 o dr. Hermann Rohleder houve por bem prefaciar um livro sobre higiene e educação sexuais com outra invocação dessa realidade avassaladora dos seus dias: "Decerto todos sabem que cataclismos colossais são característicos de toda e qualquer área da nossa cultura atual, da geração de nossos dias, dos modernos. No campo da tecnologia, vivenciamos hoje inovações com que não havíamos sequer sonhado há quinze ou mesmo há dez anos; o mesmo pode ser dito com relação ao comércio, à indústria, e — o que talvez seja o mais importante — com relação às ciências". O antigo dito grego, de que tudo no mundo está sujeito a modificações abruptas, "certamente nunca foi tão verdadeiro nem tão justificado como nos dias atuais".<sup>20</sup> Uma era como essa, tanta com tantas mudanças, sugeria Rohleder, precisa olhar de um modo novo a sexualidade, que evidentemente está em transformação, assim como todo o resto.

Charles Péguy com toda a certeza estava exagerando, mas capturou bem o espírito dessas transformações quando disse, um ano depois de Rohleder, que "o mundo se modi-

ficou menos desde Jesus Cristo do que nos últimos trinta anos.<sup>21</sup> Essa difusa paixão pelo novo não escapou à observação atenta de estudiosos da cultura contemporânea como Auguste Escoffier, possivelmente o mais ilustre *chef-de-cuisine* do século burguês. No prefácio ao seu clássico livro de receitas exclamava: "O brado universal clama pela novidade — a qualquer custo, por bem ou à força!". Falava de receitas e de pratos finos, mas poderia estar com igual propriedade caracterizando o mundo inteiro: "Novidade! Este é o clamor predominante; todos a exigem imperiosamente".<sup>22</sup> Não obstante, a época tinha suas compensações. Émile Zola, que encarava os terrores de seu mundo de maneira exaltada e por vezes melodramática, pôde ainda assim descobrir, como muitos outros, "o prazer da novidade, algo pelo que as pessoas se dispõem a pagar caro em Paris".<sup>23</sup> E, ao que parece, em algumas das províncias também.

Conforme já observei, é provável que a mais direta contribuição para a vitória do novo haja sido a da própria classe média. As exigências do capitalismo industrial forjaram o que veio a ser uma nova classe média, alterando permanentemente os tradicionais contornos da burguesia. Aperfeiçoamentos técnicos e administrativos em empresas manufatureiras e financeiras, nos transportes, na comercialização dos produtos e no governo exigiram e obtiveram batalhões de datilógrafos, secretários, supervisores, guarda-livros, vendedores — homens e, mais e mais, mulheres que se dedicavam não à criação ou produção de coisas, mas sim à prestação de serviços. A ferrovia e a máquina de escrever, o navio a vapor e o telégrafo, a facilitação do crédito e da formação de capitais tornaram a poupança acumulada pelas grandes organizações praticamente irresistível: as fábricas, os grandes escritórios de advocacia, as lojas de departamentos, todos estavam ávidos pelo concurso de trabalhadores. Em 1870-1, um cotonificio médio na Inglaterra empregava 177 pessoas, entre operários, gerentes e pessoal de escritório. E nesses mesmos anos um escritório de contabilidade mediano tinha quatro empregados.<sup>24</sup> Vistos sob o prisma do século xx, empreendimentos desta escala nos parecem bem modestos, porém a partir de meados do século os números indicavam claramente o advento de uma nova era. A nova classe média se expandia de modo incontrolado, e incontrolável. Em 1851, o censo na Inglaterra revelou que 91 mil pessoas estavam empregadas em atividades comerciais: uma década depois este número já era 130 mil, e em 1911, 739 mil, tendo-se multiplicado por oito em apenas sessenta anos. E a participação das mulheres nessa explosão era cada vez mais flagrante: em 1851 quase não se encontravam mulheres fazendo serviços de escritório; em 1861, eram cerca de 2 mil, ou seja, 1,5 por cento do total. Porém em 1911 havia 157 mil mulheres exercendo essas atividades, o que significa uma proporção respeitável de 21 por cento do total do pessoal de escritório na Inglaterra.

Esse desenvolvimento não foi de modo algum exclusivo da Inglaterra, a primeira das nações industrializadas. Na França, entre 1856 e 1906, os setores comercial e administrativo da economia cresceram de 21 para 28 por cento, enquanto no mesmo período a indústria se expandiu em apenas 2 por cento, ou seja, com uma rapidez três vezes menor. E na Alemanha as transições mais palpáveis se deram de forma concentrada ao final do século. Entre 1882 e 1907 o número de empregadores e proprietários decresceu em 7 por cento, ao passo que o de trabalhadores aumentou em 110 por cento, e o de empregados, em 592 por cento; no intervalo de um quarto de século, a força de trabalho industrial duplicou, mas a de secretários, escriturários e vendedores cresceu com rapidez três vezes maior.<sup>25</sup> O mundo moderno estava se tornando o mundo do pessoal de escritório: a base da pirâmide burguesa se alargava de tal modo que já se tornava irreconhecível.

Entre os mais insaciáveis promotores da nova classe média encontravam-se os governos. As quantias que eles se viam obrigados a despendar, e a quantidade de funcionários que precisavam admitir a fim de satisfazer suas novas e multifacetadas funções de supervisão e controle, bem como a proporção de pessoal administrativo em relação ao total dessa tribo de funcionários públicos, tudo isso cresceu a uma razão impressionante. Em 1792, o governo central da Inglaterra gastara 7,7 milhões de libras; em 1897, pouco mais de um

século depois, gastou uma quantia dez vezes maior, 77,9 milhões de libras. Em 1797, empregava perto de 16 mil pessoas, das quais cerca de 1500, menos de 10 por cento, eram funcionários administrativos; em 1869, os números atingiram a cifra de 108 mil funcionários, dos quais quase 17 mil, ou seja, mais de 15 por cento, ocupavam cargos administrativos.<sup>26</sup> A partir de meados do século, os funcionários administrativos se tornaram alvo de comentários zombeteiros em jornais e revistas, e até mesmo em romances. Observadores caridosos achavam-nos ao mesmo tempo engraçados e comoventes. Outros mais mordazes, tendiam a ver neles ditadorezinhos mesquinhos, bajuladores submissos, ou ambas as coisas — patéticos ninguém agindo como se fossem alguém.<sup>27</sup>

Entretanto a vida dessa nova classe média não deixava de ter algumas esperanças. O mito e, em escala substancialmente menor, o fato da mobilidade social animavam muita gente. Não obstante, a maioria não conseguia escapar a seu destino: anos de empregos provisórios seguidos de anos ainda mais longos tentando sobreviver com meios insuficientes. Era notório, sobretudo na França e na Alemanha, que personagens respeitáveis como mestres-escolas ou empregados postais casavam-se tarde e tinham poucos filhos; raramente tinham como sustentar mais do que dois filhos, e muitas vezes nem isso. E para tornar a situação ainda mais exasperadora, muitos empregos civis estavam infecundados por mais do que um toque de militarismo. Funcionários públicos eram exortados a cultivar as virtudes da disciplina e da submissão, do trabalho sem tréguas e da lealdade inquestionável. Se bem que em muitos estabelecimentos as relações entre chefe e subordinados fossem moldadas de acordo com as relações características da vida familiar, era a família autoritária que lhes servia de modelo.

Esse autoritarismo e essa claudicante mobilidade social, com seu ordenamento inflexível das camadas e hierarquias sociais, evocam memórias da sociedade tradicional, do antigo regime. E apesar de tudo também havia muita coisa estritamente moderna: as massas que constituíam o novo *Mittelstand*, associadas à miséria que assolava o antigo, demonstram que a burguesia da era de Freud havia passado por mudanças significativas desde a era de Vitória.

## 2. A ERA DOS TRENS EXPRESSOS

Toda essa movimentação teve o seu preço. Os arquitetos das mudanças frequentemente se tornaram também os seus mártires: a vertiginosa mobilidade do século, precipitada e não de todo previsível, colhia muitos de seus sacrifícios na soleira de sua própria casa. Por vezes, tal vitimização resultava da mobilidade na acepção mais literal do termo: no princípio da década de 1860, os anteriormente prósperos comerciantes de Orléans viam, impotentes, seus ex-fregueses da região passarem de frente de suas portas, a capincho de Paris pela ferrovia.<sup>28</sup> Ocorrências palpáveis do mundo real e estados mentais eram como sempre inseparáveis. E o velho chavão de que tudo, mesmo o progresso, tem seu preço, se manteve de pé no caso dessa época progressista, o século xix, e dessa classe progressista, a burguesia — inexoravelmente.

O período final do século xix trouxe a surpreendente descoberta de que até mesmo mudanças para melhor poderiam gerar doenças mentais profundas, como de resto frequentemente acontecia. O reconhecimento desse fato foi primeiro vislumbrado por três dos mais perspicazes observadores da época — Nietzsche, Freud e Durkheim —, e depois foi se filtrando até atingir o público em geral. Em suas reflexões aforísticas dos anos 80, Nietzsche postulou que "na economia mental interior do homem primitivo, predomina o medo do mal. Que é o mal? Três coisas: o aleatório, o incerto, o súbito".<sup>29</sup> Freud generalizou este diagnóstico informal de ansiedade, aplicando-o a todos os seres humanos com base no simples argumento de que no fundo todos são primitivos. A ansiedade, nos termos em que



Freud adotou posteriormente em sua teoria, constitui um sinal de alarme disparado pelo aparecimento de perigos, reais ou imaginados, o que dá ao homem a oportunidade de colocar em campo suas defesas: luta, fuga, negação e outras mais. A descoberta do fenômeno da anomia, feita por Durkheim, é inteiramente apropriada à sua época, o século burguês já amadurecido. A anomia ocorre, segundo Durkheim, pela inexistência de limitações nítidas e de regras reconhecíveis de comportamento, uma desorientação social angustiante que tanto pode emergir após um surto de prosperidade como após um súbito desastre, e com a mesma intensidade irresistível.

Todas essas revelações foram importantes, e chocantes em boa parte porque ofendiam os códigos do senso comum: uma boa nova — um lance espetacular na bolsa de valores, uma promoção no emprego, a conclusão de uma tarefa difícil ou a conquista de uma namorada caprichosa — supostamente não deveria trazer outra consequência, além da euforia. Na realidade, a consequência era muitas vezes o pânico. Sigmund Freud analisou esse fenômeno surpreendente muito tempo depois que Durkheim introduziu o termo "anomia" no vocabulário das ciências sociais: os impulsos instintivos do homem são conservadores. Mudanças, por mais positivas que sejam, exigem o dispêndio de energias mentais, ações adaptativas. A menos que sejam cercadas de precauções e acompanhadas de um encorajamento afetuoso, a menos que sejam assimiladas passo a passo, contêm todos os riscos de uma aventura frente ao desconhecido, um terreno onde respostas automáticas e procedimentos habituais perdem toda a sua eficácia. De onde se conclui que as mudanças — assim deduz Freud — por mais desejáveis e desejadas que sejam, são ao mesmo tempo árduas e perigosas. O que Proust mais tarde chamaria, numa linda frase de *Du côté de chez Swann* [No caminho de Swann], "le bon ange de la certitude" só em raras ocasiões emprestou sua presença consoladora ao século burguês.

É claro que a ansiedade burguesa não era nova quando foi diagnosticada por Nietzsche, Freud e Durkheim. Em décadas anteriores do século XIX, justamente naquelas em que a burguesia celebrava suas vitórias políticas e econômicas mais espetaculares, ela deixara marcas indelévels na mentalidade da classe média. Sabemos que na década de 1880 ela já tinha sido moldada por influência de energéticos oponentes: as exigências do operariado organizado, o surgimento de partidos radicais, o desdém manifestado por intelectuais da *avant-garde*. Houve ainda outros, particularmente movimentos feministas ou dissidências artísticas e literárias, eloquentes, irados, nem sempre justos, e não mais satisfeitos com pequenas concessões. Implacavelmente hostis para com a burguesia, todos esses críticos exploraram o que, em 1891, George Bernard Shaw chamou de "a consciência culpada da classe média".<sup>30</sup> Ao mesmo tempo, a ansiedade burguesa, sinal e sintoma de perigo, não era simplesmente medo de inimigos específicos; era difusa e endêmica. Em visita à corte imperial em Compiègne, em 1861, Théophile Gautier observou uma tensão generalizada entre os convidados: somente os velhos aristocratas lhe pareciam à vontade. "O próprio *bourgeois* não sabe muito bem como deve comportar-se. É óbvio que não tem certeza do papel que lhe cabe."<sup>31</sup> E ele bem poderia ter relacionado esse constrangimento da classe média a outras situações menos penosas. Generalizado, esse mal-estar foi pontilhado por esforços esporádicos das pessoas para dominar o ambiente ou a si mesmas, por reiteradas fugas para uma nostalgia melancólica e, à medida que as oportunidades se apresentavam com maior frequência e que cresciam os perigos, por traições ao liberalismo. A causa principal disso tudo foram as mudanças. Impulsionadas por elas, as dimensões inconscientes da experiência assumiram um destaque inegável, pois embora resolvam alguns conflitos, as mudanças geram e exacerbam outros pela remoção dos marcos orientadores de conduta que são os hábitos sociais.

Em épocas anteriores, a ansiedade havia sido endêmica, cíclica, e esperada. Mudanças haviam significado raras e inesperadas boas fortunas ou desgraças perfeitamente previsíveis: ciclos de boas e más colheitas, a derrubada de uma dinastia, o ocaso dos antigos deuses. Já as mudanças que ocorriam no século XIX eram mais difíceis de serem decifradas, porém suas necessidades mais elementares eram dirigidas à racionalização da vida e levavam à perda do conforto de uma crença sem questionamentos e da livre satisfação de impulsos irresistíveis. A rejeição da expressão franca e da satisfação pública das necessidades corporais, que se havia iniciado na Renascença por meio de invenções culturais como o garfo e o lenço, teve continuidade e se intensificou. Os patamares que davam acesso a sentimentos de vergonha e de nojo foram sendo continuamente rebaixados. A cultura respeitável do século XIX tinha a imaginação em conta de uma companhia perigosa, e celebrava, ao invés dela, as delongas, as sutilezas, o controle. Sendo uma postura cultural, tal contenção era difícil de ser mantida e frequentemente precisava ser evitada; como Freud observou cedo e repetiu muitas vezes, a moralidade burguesa, especialmente no tocante à sexualidade, fazia duras exigências e impunha tensões sem precedentes às classes médias. E as formas de adiantamento e de controle eram instáveis, submetidas como estavam a constantes ataques das novidades e das paixões por um lado e, pelo outro, da necessidade íntima de reprimir desejos inadmissíveis e ilícitos. Para complicar ainda mais o impacto desses abalos, as mudanças ocorriam frequentemente de surpresa, num ritmo constantemente acelerado, eram sempre abrangentes e, conforme já mencionei, totalmente irreversíveis. É por este motivo que tantos reacionários poderosos envidaram todos os esforços para revertê-las. A vida de Metternich, um brilhante agente do retrocesso, constitui um verdadeiro tributo às mudanças que ele tentou deter, senão aniquilar, antes que elas finalmente o aniquilassem. E Metternich teve muitos seguidores dedicados.

Um dos sintomas mais evidentes desse mal-estar generalizado foi a sensação de estar-se à deriva e sem rumo, confuso, atropelado por impulsos demasiadamente ricos e variados para serem absorvidos com facilidade. Em 1897, o biógrafo alemão Karl Storck emitiu um chavão cultural comum à época quando deplorou "nosso tempo ruidoso, dedicado a propaganda e dela dependente, cujos comportamentos mercantis, antes restritos aos negócios, já invadiram também nossos círculos artísticos".<sup>32</sup> Já em 1848 o conde Duchâtel, que havia sido ministro do Interior no governo do rei Louis Philippe, caracterizara sua época como uma época "em que as coisas se movem mais rapidamente do que o faziam sessenta anos atrás. Os eventos, assim como os viajantes, estão se movendo a vapor".<sup>33</sup> Duchâtel assim se expressava ainda sob o impacto de uma revolução política imprevista. Mas durante todo o século, testemunhas diversas relatavam sua sensação de que os altos escalões se achavam em desordem, os filósofos sem rumo, e os estadistas paralisados. Relembrando em 1844 os anos que se seguiram às guerras napoleônicas, Disraeli os retratou como uma época de suprema impotência: "O povo se viu sem ter quem o guiasse. A gente ia aos ministérios; pedia para ser guiado, para ser governado". Mas enquanto o povo em geral "clamava pelo voto e os trabalhadores pelos seus direitos, 'o que faziam os ministros? Entravam em pânico'. Em dias idos haviam se contentado em administrar; agora lhes era solicitado que governassem. E isso era algo que, na opinião de Disraeli, os apavorava. 'Como todos os homens fracos', prossegue com muita sensibilidade, 'recorreram ao que chamaram de medidas de força'. Não eram portanto apenas os governados, mas também os próprios governantes que sofriam de ataques de ansiedade naquele território desconhecido do século XIX. Alguns anos depois de Disraeli haver feito este seu esboço, Alphonse de

(\*) Em francês no original. "O anjo da guarda da certeza." (N. T.)

(\*) O termo utilizado pelo autor, *the unenfranchised*, significa precisamente o conjunto de todas as pessoas que não têm direito de votar — à época um contingente considerável na Europa como na América —, sob quaisquer pretextos legalmente discriminatórios. (N. T.)

Lamartine, poeta e político, expressou sua impressão sobre a França numa linguagem bem parecida: "Vivemos tempos caóticos; as opiniões estão embaralhadas; os partidos, em total confusão. A linguagem das novas idéias ainda não foi criada".<sup>34</sup> A procura intensiva e apaixonada de uma ciência da sociedade que explicasse e resolvesse tudo, o humilde retorno de rebeldes aventureiros à religião de seus ancestrais, e a emergência de cultos modernos tais como a Ciência Cristã e a Teosofia são indicações claras da necessidade de guias para atravessar a selva da modernidade. A mistura de generosidade e racionalismo que caracteriza o espírito liberal foi adquirida por poucos e sob pressões constantes.

De fato, as vitórias do novo, do secular e das ciências não foram completas nem contestadas. Os antigos hábitos, mesmo sendo persistentemente atacados, demonstraram uma vitalidade surpreendente. A religião reconquistou muito terreno perdido, especialmente entre as pessoas respeitáveis, especialmente na Inglaterra. A era de Auguste Comte e de Charles Darwin foi também a era do cardeal Newman e de William James. Anteriormente, algumas décadas antes da ascensão da rainha Vitória ao trono, em 1837, tornara-se não só possível como também entrara em voga rejeitar tanto o deísmo como o ateísmo do Iluminismo em favor do retorno à fé dos avós. A famosa observação de Marx de que a religião é o ópio das massas constituiu um sério erro de avaliação — certamente no que tange ao século XIX: a religião continuou sendo, ou melhor, voltou a ser o ópio das classes médias, notadamente na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nestes e em outros países havia grupos influentes e ostensivos de descrentes, de agnósticos moderados, de teístas filosóficos, de positivistas dogmáticos; especialmente na França, as convicções anticlericais e antiteológicas herdadas do Iluminismo e da Revolução conservaram uma força impressionante e uma grande atratividade entre a burguesia instruída. Ainda assim, em 1895 Émile Durkheim deplorava "esses tempos de um misticismo renascente", e incluía a França no âmbito de suas preocupações.<sup>35</sup>

Nem mesmo a religião, contudo, era uma defesa invulnerável contra o desespero. Raramente era uma fé isenta de angústias. Os avanços dramáticos e cumulativos das ciências naturais, verdadeiro escândalo para os fiéis, se para muitos constituíam uma fonte de prognósticos animadores, para outros eram causa de temerosas reafirmações. As ciências provocaram os mais engenhosos sofismas em defesa dos credos de antanho, o que por si só já era um sintoma de ansiedade. O que não surpreende ninguém é que foram justamente os desenvolvimentos de maior impacto da época, em particular a industrialização e a urbanização, que evocaram as apreciações mais sombrias e as previsões mais portentosas da parte dos modernos Jeremias. Blake estava em boa companhia ao denunciar as "fábricas satanicamente escuras", e Metetrnich não era nenhum excêntrico ao deplorar a perda generalizada de fé e de estabilidade.

Década após década, um país após outro, vozes progressistas e conservadoras lamentavam igualmente o estado desordenado e desorganizador da época. Detectavam a ausência alarmante de referenciais seguros, uma anarquia universal no pensamento, uma velocidade doentia na existência, mal-estar e vacilações generalizadas, e isso em meio aos mais irresistíveis avanços científicos. Émile Zola, campeão do progresso e partidário declarado da modernidade, foi porta-voz de todas essas vozes numa de suas cartas, escrita ainda em sua juventude. "Emergindo de um passado repugnante", escreveu em 1860 a um amigo íntimo, "marchamos rumo a um futuro desconhecido. Uma vez que somos franceses, quer dizer, impacientes por excelência, caminhamos precipitadamente". Ele acreditava que seu tempo caracterizava-se pela "impetuosidade, a atividade devoradora; atividade nas ciências, atividade no comércio, nas artes, em toda parte: ferrovias, eletricidade utilizada no telégrafo, o vapor movendo navios, balões lançando-se aos ares". Zola não restringiu seu catálogo de "atividades vorazes" — uma metáfora apropriadamente brutal e oral — às inovações tecnológicas. "Na política é pior: nações se erguem, impérios tendem à unidade. Na religião tudo está desordenado; este novo mundo que está prestes a emergir precisa de uma

religião jovem e viva. Eis como o mundo se lança na rota do futuro, ávido por ver o que o espera ao fim da corrida."<sup>36</sup> A religião jovem e vivaz que Zola reclamava era a religião do progresso, a organização enérgica dos recursos naturais e econômicos em prol do bem-estar geral. Entretanto, mesmo na pulsante e vigorosa lista de Zola ouvimos ecos de ansiedade, de um temor apenas perceptível de que as coisas estivessem fugindo a qualquer controle.

As tensões desse mal-estar vinham à tona mesmo nas memórias mais plácidas. Nos primórdios da década de 1860, Lady Knightley, que à época ainda era a gentil e descomprometida srta. Louise Bowater, capturou com muita sensibilidade essa incerteza do mundo moderno em seu diário um tanto sofisticado, mas nem por isso menos inteligente. Estabelecendo um contraste marcante entre "a agitação e o turbilhão da cidade" e um "glorioso" passeio de charrete pela ensolarada manhã campestre inglesa, onde podiam ser vistos cervos e pica-paus e lindos lagos placidamente calmos, ela observou como "a cada dia que se passa" mais sentia "o ritmo em que vivem a maioria das pessoas na época atual. É de se admirar que haja tanta loucura? Nos olhos da metade dos homens que encontro no irem há algo selvagem", um olhar que "acrescenta ela, "me dá calafrios. Nos dias de hoje não existe descanso nem repouso para ninguém: todos estão sempre em movimento, seja no lazer ou no trabalho. Será isto preferível à estagnação dos dias passados? Não sei: é muito difícil, quase impossível, chegar a uma conclusão".<sup>37</sup>

Até mesmo John Stuart Mill encontrou enormes dificuldades para vencer sua ambivalência a respeito do progresso. Durante toda sua vida, Mill empenhou sinceros esforços no sentido de promover o desenvolvimento e de salvar o que achava de valioso em meio à profusão de novidades que o cercavam. Entretanto, apesar de receptivo às mudanças, ele reconhecia que a rapidez com que elas ocorriam trazia problemas difíceis para o seu tempo. "A inferioridade da época atual", escreveu Mill em seu diário ao início de 1854, num paradoxo bem apropriado, "talvez seja uma consequência de sua superioridade. Aparentemente quase ninguém, nas classes mais educadas, tem opiniões formadas, ou, se as tem, não parece confiar nelas". De modo muito semelhante ao de Disraeli uma década antes, ele acrescenta: "Aqueles que deveriam servir de guias aos demais vêem cada questão através de demasiadas facetas diferentes". O que faltava era firmeza de caráter, mas isso era difícil de encontrar. Os líderes "ouvem muita coisa acerca de todas as coisas, que já não sentem confiança quanto à verdade do que quer que seja".<sup>38</sup> Essa não era uma receita para um governo seguro.

No ceticismo premente com que Mill se refere aos líderes e liderados de sua época reconhecemos os ecos da *Democracy in America* [Democracia na América] de Alexis de Tocqueville, uma obra que Mill havia estudado com atenção e da qual fizera uma resenha com admiração. Tocqueville foi um fenômeno raro: um profeta ouvido em seus próprios dias. Em 1831, ele visitara os Estados Unidos, e relatou as conclusões de suas observações e reflexões em quatro volumes de muito impacto, publicados 1835 e em 1840. Na América do Norte, Tocqueville viu o futuro, e de lá voltou com sentimentos ambivalentes. Conforme já mencionei, os Estados Unidos tornavam fácil a profecia: constituíam o destino visível de uma viagem na qual a Europa já se encontrava havia muito tempo. Demonstravam que a sociedade do futuro seria governada por burocracias sob o signo da igualdade, incluindo toda a vulgaridade, toda a mediocridade e todo o desprezo pelo intelecto e pela excelência que isso implica. Porém Tocqueville também enxergou muita coisa merecedora de crédito na sociedade norte-americana. Seus derradeiros anos de vida foram marcados por um crescente desencanto com a política e por profundas depressões pessoais, porém mais em consequência do que se passava na política francesa, da qual participou ativamente.

(\*) *Eligible* no original, ou seja, a senhorita ainda não noiva; para os rapazes, além de não comprometidos (não noivos), *eligible* implicava também a condição econômica própria a uma noivado. (N.T.)



do que de suas reflexões acerca das mudanças. De qualquer forma, ele não era dado a lutar contra o inevitável.

Os leitores e admiradores de Tocqueville eram freqüentemente menos criteriosos e menos resignados do que seu mestre. Em 1851, após haver lido seus livros, Henri-Frédéric Amiel, professor, crítico e filósofo que vivia em Genebra, hoje lembrado mais em função de seus diários íntimos do que de seus trabalhos publicados, observou que "as obras de Tocqueville proporcionam à mente muita calma, mas deixam também um certo desgosto. Percebe-se a inevitabilidade do que está por vir". Eis uma postura olímpica que provavelmente não teria desagradado Tocqueville; mas Amiel era por demais agitado para contentar-se com ela: "Não há dúvida de que a era da *mediocridade* está próxima e a mediocridade congela qualquer desejo. A igualdade gera a uniformidade"; sacrifica "o excelente, o notável, o extraordinário". Amiel temia que a "melancolia" — *spleen* — viesse a "tornar-se a enfermidade do século *igualitário*", um temor compartilhado por alguns partidários da igualdade. Inevitavelmente, "o belo será substituído pelo útil; as artes, pela indústria; a religião, pela economia política; e a poesia, pela aritmética". Nessa era vindoura de individualismo e de uma subdivisão cada vez maior do trabalho, os "indivíduos ideais" desapareceriam; o "tempo dos grandes homens está chegando ao fim, a época das multidões" está próxima. "A sociedade será tudo; o indivíduo, nada. As estatísticas registrarão grandes progressos, e os moralistas, um declínio gradual." Em suma, o "bem-estar universal" que o século XIX prometia atingir estava "custando caro demais". O progresso, por mais dramático que fosse, simplesmente não valia o seu preço. Conforme observaram os irmãos Goncourt, estava tudo de ponta-cabeça. O prazer estava morto; os negócios imperavam; uma grande purgação estava a caminho, pois os tempos em que viviam — conforme os Goncourt confiaram a seus diários — eram tempos anormais.<sup>39</sup>

Os pessimistas receberam com agrado essa doutrina. Lançando sobre o século um olhar de indistinto desprezo, Jacob Burckhardt pontilhava sua correspondência com exclamações ofensivas referentes à época vertiginosa, afobada e vulgar em que havia sido despejado por um destino cruel. Os anciãos, escreveu ele a um amigo, são necessariamente pessoas conservadoras, e "difícilmente poderão encontrar algum prazer nesses dias de rápidas mudanças". O espantoso dessa declaração é que ela haja sido feita em 1873, quando Burckhardt tinha apenas 55 anos de idade. Era a rapidez das mudanças, tanto quanto a direção em que apontavam, que o fazia sentir-se velho e conservador, totalmente desafiado em relação ao século. O homem moderno, escreveu Burckhardt com matizes sombrios, renunciara alegre e estupidamente aos valores solidamente estabelecidos do refinamento e da diversidade em favor das dúbias benesses oferecidas pela novidade: "A gente de hoje sacrifica, se necessário, toda a sua literatura e toda a sua cultura para tomar um 'trem noturno expresso'".<sup>40</sup>

Os trens, que atingiam velocidades cada vez maiores à medida que as locomotivas, as ferrovias e os sistemas de sinalização se aperfeiçoavam, tornaram-se uma possante metáfora para a velocidade estonteante e geradora de ansiedades do século XIX. Hans von Bülow, o brilhante regente e pianista, expressou o que já começava a tornar-se um clichê entre pessoas cultas quando chamou sua época, em 1874, de "a era dos trens expressos".<sup>41</sup> Os desejos e os temores eróticos estimulados pela experiência rítmica de uma viagem de trem transpareciam sob a superfície de tais epítetos. E o nervosismo oriundo da sensação de que a velocidade corria sempre à frente da razão e se exacerbava ainda mais com as sutis indicações de que novas sensações se acumulavam. Nos termos de outra metáfora,

igualmente apreciada no século XIX, havia o sério perigo de sobrecarga dos circuitos mentais. "A vida está se tornando cada vez mais complicada", escreveu Theodor Billroth em 1876 a seu amigo, o crítico musical austríaco Eduard Hanslick. A vida, prossegue ele, "nos absorve cada vez mais; a competição cada vez mais intensa nas áreas econômicas, artísticas, literárias e sociais pode ser uma prova de que há em nossa geração um excessivo empenho de energia; porém, com tanto esforço e tanta afobação para cumprir sempre novas tarefas, muita coisa se perde. Quem mais sofre com tudo isso são as artes; o público moderno não dispõe mais de tempo para ver e ouvir, pois tanto os pensamentos quanto os sentimentos vão sendo arrastados ao longo de uma trajetória predeterminada pela grande roda do tempo".<sup>42</sup>

A velocidade irresistível da roda do tempo gerou uma nostalgia pungente e patética dos dias que antecederam o advento da ferrovia. "Nós, que vivemos antes da construção das estradas de ferro", escreveu Thackeray, "pertencemos a um mundo diferente". Quando as pessoas andavam em carruagens, "então sim é que o mundo era mundo". Ele admitia que "a pólvora e a imprensa tendiam a modernizar" a civilização; entretanto, insistia que "a ferrovia 'que cria uma nova era'". E comparava aqueles que "viviam antes da ferrovia, e que sobreviveram ao velho mundo" a "Noé e sua família saídos diretamente de sua Arca. As criancinhas farão uma roda à nossa volta e nos dirão: 'Conte-nos, vovô, como era o mundo de antigamente'. E nós murmuraremos as nossas velhas histórias, e um a um nos iremos; e seremos cada vez menos, e os que sobramos estarão muito velhos e debilitados". Não havia dúvida: "Nós, que vivemos antes das ferrovias, somos antediluvianos — devemos morrer".<sup>43</sup> Se aceitarmos as hipérboles e as sutilezas do humor travesso de Thackeray, a pequena cena que ele criou materializa uma sensação de perda bastante real.

Thackeray evocava ambientes e humores, não escrevia história social. As ferrovias, com toda sua potente capacidade de revolucionar a localização das indústrias, o transporte de mercadorias, a configuração das cidades, os padrões de férias e lazer, eram ao mesmo tempo causa e consequência da revolução econômico-social subjacente. Constituíam um símbolo espetacular, um tema perfeitamente apropriado à pintura e à poesia do século XIX. Menos próprias a uma representação artística, porém ainda mais influentes, foram as novas forças que varreram o século nas finanças, na construção das fábricas, na organização dos trabalhadores — em suma, o amadurecimento do capitalismo comercial e industrial. Os banqueiros foram tão úteis como instrumentos de mudanças do século XIX quanto os engenheiros e os industriais. Juntos, eles construíram um mundo que seria tão precário para seus beneficiários quanto devastador para suas vítimas.

Não obstante toda a sua inquietação com relação a *status*, poder e moral, de modo geral a burguesia era a força dinâmica que impulsionava uma era já em si dinâmica. Para muitos, era uma época que revelava o tipo de confiança a que se referia o príncipe-consorte Alberto, uma confiança tanto alicerçada solidamente na consciência quanto descomplicadamente no inconsciente deles. Os burgueses podiam absorver muitas mudanças, ainda que abruptas e imprevistas, consolando-se nos momentos mais difíceis por meio de uma olhada em seus saldos bancários, em sua ascendência política ou em seus benefícios sociais. O século burguês foi uma era de melhoramentos, mais para os burgueses, talvez, do que para qualquer outro grupo de pessoas. Sua ideologia carregada de esperanças não era apenas uma máscara para encobrir o desespero, mas uma crença sincera no progresso. O mito que dominava a época, pelo menos entre aqueles que dela se beneficiavam, teria inevitavelmente que ser o da mobilidade. Muitos pronunciamentos, mesmo precipitados, sobre as carreiras abertas a gente talentosa e sobre o bastão de marechal que se encontrava dentro de cada mochila de soldado raso, expressavam a convicção generalizada de que o mundo social dos burgueses cultos e ativos era um mundo quase sem barreiras, no qual o trabalho duro, a inteligência, a perspicácia e a árdua persistência trariam benefícios à sociedade mais antiga, com sua carga de estratificações rígidas, negara a todos, exceto

(\*) *Spleen*, em inglês, significa, literalmente, o baço; daí, em sentido figurado, "mau humor", "azedume", que antigamente se supunha sediado no baço, como o "amor" no coração. Em francês, no entanto, o termo *spleen* passou a ter, no século XIX, o sentido específico de "melancolia, apatia". (N. T.)



a um punhado de afortunados. É claro que a rápida ascensão social era já uma história conhecida; nas biografias de estadistas, bispos e magnatas do comércio abundavam exemplos de origens humildes superadas por meio de coragem, energia e inteligência. E nem todas essas histórias eram imaginárias: afinal de contas, os homens biografados existiam. Mas então, na areia movediça do século XIX, nessa "época tempestuosa e instável", como foi denominada por um jornal francês em 1878, o mito da mobilidade se democratizou.<sup>44</sup> Uma literatura de amplo sucesso popular espalhou o mito por um vasto e receptivo público: as histórias de Horatio Alger e as biografias de Samuel Smiles ilustravam, para todos que soubessem ler, as variadas e brilhantes possibilidades de se ascender da miséria à riqueza.

Não é portanto casual que no século XIX os antigos nomes estáticos das divisões sociais — em inglês *estates* ou *orders*, ou ainda *Stände*, em alemão — cederam lugar a denominações mais apropriadas a uma sociedade que, mesmo segmentada, abria perspectivas de progresso: "classes", "partidos" ou, já em fins do século, "grupos de interesse". De modo análogo, e com efeitos semelhantes, os nomes anteriormente utilizados para designar grupos que compartilhavam as mesmas convicções políticas, religiosas ou artísticas foram geralmente suplantados por uma linguagem dinâmica: "escola", o que sugere a dependência de um professor ou mestre, é "seita", que sugere a fidelidade inflexível durante toda a vida, foram abandonados e substituídos por "movimento". Na língua inglesa, o termo parece ter sido usado pela primeira vez nesta acepção moderna em 1828, significativamente na locução "o movimento trabalhista". Pouco depois, era generalizado, aplicando-se a outros grupos, todos eles prontos a produzir mudanças e a desfrutá-las. O século XIX foi uma era do movimento, e de movimentos.

Não se trata de um jogo de palavras. O que a nova utilização da linguagem revela é que as oportunidades que se ampliavam eram de fato muitas, que era válido aceitar as promessas nelas contidas, e, mais ainda, que era chegada a hora de mobilizar, organizar e guiar as forças geradoras de mudanças para uma direção desejada. Se as mudanças eram turbilhonantes, o homem podia aprender a dominá-las. Modernas disciplinas acadêmicas como a sociologia viam-se como agentes de melhoras sociais, incluindo-se entre estas, e com destaque, a mobilidade social ascendente. "Com uma ação que simultaneamente apóia o progresso e remove obstáculos, a ciência da cultura é essencialmente uma ciência de reformadores."<sup>45</sup> Com estas palavras ressonantes E. B. Tylor conclui o famoso tratado *Primitive Culture* [Cultura primitiva]. Karl Marx estava em boa companhia, incluindo pessoas famosas ao seu tempo, quando argumentava que a verdadeira tarefa da discussão filosófica é modificar o mundo, não apenas contemplá-lo; é conduzir da passividade à ação.

Durante muitos séculos, é claro, os homens haviam extraído do solo sua subsistência, haviam construído pontes, estradas e grandes cidades, haviam filosofado acerca de seu destino e aplicado as descobertas científicas à tecnologia. Na Renascença, os humanistas elogiavam profusamente aqueles em que diziam ver encarnadas as qualidades da energia em luta contra a má sorte. O pensamento prático de sir Francis Bacon, voltado mais a obras do que a palavras, constituía mais uma profecia do que uma descrição de procedimentos comprovados, mas a revolução científica ocorrida nas últimas décadas do século XVII e a expansão da criatividade tecnológica que teve início no século XVIII transformaram alguns dos prognósticos mais arrojados de Bacon em fria realidade.

Foi a era do Iluminismo, em particular, que forneceu aos europeus e norte-americanos instruídos e influentes uma nova perspectiva, uma ampla percepção das possibilidades de domínio sobre o mundo. É bem verdade que a pobreza continuava a produzir efeitos devastadores, que doenças e epidemias continuavam a exigir seus tributos, que o fanatismo e as injustiças floresciam quase como antes. Com o desaparecimento gradual da proteção e do patrocínio, a exploração se agravou à medida que os exploradores descobriam novas oportunidades. Contudo, à medida que procediam à erosão da metafísica e da teologia, os *philosophes* tentaram aplicar os métodos críticos das ciências, tão férteis em sua esfera

original, também às reflexões sobre o indivíduo e sobre a sociedade; geraram-se assim expectativas de que a roda-viva da existência humana cederia à aplicação da inteligência, de que o eterno ciclo das epidemias, das grandes fomes, da miséria generalizada e das guerras devastadoras finalmente seria rompido. Na esfera das realizações humanas, a nova atmosfera foi bem simbolizada pelo que Alfred North Whitehead denominou "a invenção da invenção".

Os homens do Iluminismo sublinharam a passagem da passividade à ação revivendo um antigo provérbio romano, que estivera adormecido através dos séculos cristãos, cuja síntese é a de que o homem é dono de seu destino. Bacon já o havia dito, assim como Descartes e Locke, antes que ele se tornasse uma das expressões favoritas dos *philosophes* no século XVIII. No século XIX, já era amplamente aceito como verdade. "O homem", disse John Davies numa reunião do Instituto dos Mecânicos de Manchester em 1827, "tem que ser o arquiteto de sua própria fama". Esta imagem agradável não perdeu ao longo de sua popularidade. Em *David Copperfield*, Dickens põe na expressão da sr. Micawber a forte esperança de que, embarcando com sua família para iniciar uma nova vida na Austrália, o sr. Micawber pudesse tornar-se "o César de sua própria sorte". E em 1878, em Newburyport, Massachusetts, o editor do *Herald* elogiava dois ricos notáveis locais, ambos homens "de origem humilde" que a vida cedo "tornara dependentes de seus próprios recursos", "homens íntegros, aplicados, e de uma perseverança indomável", que os levaram ao sucesso — "naturalmente". Ambos haviam sido os "arquitetos de sua própria sorte".<sup>46</sup> Para tais homens, e numa tal época, a anomia era algo improvável, e a ansiedade, se é que alguma vez chegassem a experimentá-la, subterrânea.

Visto coletivamente, portanto, o espírito burguês no século XIX era uma mistura de impotência e autoconfiança; a excitação endêmica era controlada por dispositivos sociais e por defesas individuais. Refletindo com uma nostalgia quase mórbida sobre a paz celestial concedida aos mortos, William Gladstone ponderou que para os vivos "o elemento principal" da "vida terrena" é um "conflito perpétuo".<sup>47</sup> Referia-se a incertezas ligadas à condição humana em todas as épocas, em todos os níveis sociais. Porém poderia ter aplicado essa observação, com perfeita justeza, à sua própria época e à sua própria classe.

Pois tudo estava sendo questionado: ensinamentos religiosos, princípios políticos, ideais sociais, e, com ênfase particular, a moralidade sexual. E tudo isso deixava até mesmo os exploradores, uma tribo numerosa e resoluta, excessivamente nervosos. Quando, ao aproximar-se o fim do século XIX, médicos, psicólogos e sociólogos denominaram sua época de a "Era do Nervosismo", estavam apenas formalizando uma queixa generalizada e evidente, amplamente ventilada na imprensa popular e meticulosamente documentada na literatura médica.

Apesar de tudo isso, e com exceção de três ou quatro observadores brilhantes, os críticos culturais se concentraram no impacto da realidade material sobre o estado mental: na rapidez das viagens, na superpopulação das cidades, na quantidade e na rapidez com que se sucediam as invenções. Muitos dentre os contemporâneos de Gladstone tinham uma vaga noção de que os perenes conflitos de que ele falava tinham origens misteriosas e remotas, porém não tinham disposição ou capacidade para persegui-los além de suas manifestações evidentes — até que Sigmund Freud postulou a suprema influência das forças elementares, em sua maior parte inconscientes, na formação da experiência humana. E é por este caminho, que leva aos domínios inacessíveis da sexualidade e da agressão, que pretendo seguir seus passos.